

Empresário critica a ausência de definição

PORTO ALEGRE
AGÊNCIA ESTADO

“Os empresários estrangeiros encaram o Brasil como um País de risco econômico e entendem que é preciso uma definição em relação à política econômica: se ele vai optar pela recessão ou pelo pacto, tendo o governo como principal ator”. A afirmação foi feita ontem pelo vice-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Paulo Vellinho, em recente viagem que fez ao Japão, Estados Unidos, Itália e Dinamarca. Em seus contatos com os empresários daqueles países, ele observou que os mesmos consideram o Brasil “um grande país, extremamente rico, com um mercado interno excelente, mas que necessita de instrumentos que permitam antecipar seu comportamento daqui a uns cinco anos”.

Segundo Vellinho, os empresários estrangeiros, notadamente os japoneses, estão preocupados com as elevadas taxas de juros praticadas no Brasil. O empresário teve “grande dificuldade” em explicar a eles a existência de uma inflação de dois dígitos com juros a 400% ao ano. Acrescentou Paulo Vellinho que estes empresários, embora não tenham desistido de investir no Brasil, manifestaram preocupação com a instabilidade da economia. Na opinião de Paulo Vellinho, o governo deveria ter adotado

medidas de impacto para reverter a atual situação.

Para Vellinho, a saída para os problemas não depende do empresário, mas do governo e da força do presidente Sarney: “É preciso uma identificação completa entre o falar e o fazer, pois a cada dia que passa o governo, pela inação, contribui para o aumento do problema de abastecimento. De repente, pode haver uma demanda reprimida incalculável que será difícil de ser atendida depois”.

O empresário acredita que o pacto social deveria ter sido debatido com todos os segmentos da sociedade, com participação também da Igreja e com o governo “atuando como réu e não como magistrado”. Acrescentou que da forma como são conduzidas as negociações, o governo “ficou numa cômoda posição de juiz, quando deveria ter começado com um mea culpa”. Paulo Vellinho considerou também que o gatilho salarial deve ser mantido até ser encontrada “uma solução melhor”.

Ainda ontem, Paulo Vellinho, que também é diretor-presidente da Springer Carrier, informou que este ano serão feitas negociações com a empresa japonesa Matsushita para uma joint-venture com a Springer Carrier para implantação de uma fábrica, no Brasil, de compressores rotativos de aparelhos de ar condicionado.